

**SISTEMAS DE SIGNOS ORGANIZADOS EM TORNO DO FENÔMENO DA
DESCENTRALIDADE URBANA NA CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DE
JESUS-BA: O ESTUDO DE CASO DO BAIRRO DA RÁDIO CLUBE**

Júnio de Jesus dos Santos

¹ Estudante de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Ciências Humanas - Campus V. juniogeo@hotmail.com.

Resumo

Esse artigo trata-se da problemática que envolve as discussões sobre a reprodução social. A reprodução social, enquanto temática traz questões da dimensão da estrutura da sociedade, haja vista, que o espaço é meio e condição de reprodução da sociedade. Desse modo, a racionalidade da modernização capitalista abrange um espectro da codificação racional dos sistemas de signos organizados na sociedade. Desse modo, o nível sintagmático e o nível paradigmático são dimensões que revelam o conflito social das representações das pessoas e da cidade que encontram-se organizadas às condições materiais e simbólicas no cotidiano social. Assim sendo, o objetivo principal do trabalho é verificar os sistemas de signos organizados em torno da reprodução social no cotidiano da classe trabalhadora no Bairro Rádio Clube na Cidade de Santo Antônio de Jesus-BA. Para tanto, no intuito de atingir com o objetivo proposto, adotaram-se alguns procedimentos metodológicos: inicialmente, fizeram-se os levantamentos bibliográficos de alguns autores clássicos e contemporâneos como Araújo (2010); Certeau (1994); Engels (1984); Lefebvre (1991); Santos (2003); Sobarzo (2006); havendo a realização de fichamentos e a confecção de resenhas e resumos. Por conseguinte, delimitação espacial do objeto de estudo e da problemática. Posteriormente, foi feita a pesquisa *in loco* a partir do método de observação. Assim, verificou-se que os sistemas de signos organizados em torno da produção social da classe trabalhadora do Bairro da Rádio Clube, estão de acordo com a funcionalidade racional que manipula o cotidiano. Obviamente, as dissimulações das estratégias nas relações próximas. Para tanto, os sistemas de signos da cidade, especialmente da modernização da sociedade capitalista e os conflitos de classes disponibilizam recursos institucionais acessíveis ao cotidiano dos cidadãos no bairro que evidenciam os contrastes sociais que são representados na precarização, desigualdade e as disparidades sociais. Além, das violências estruturais e conjunturais em função da negação da centralidade do urbano na descentralidade urbana, as quais, no plano da vida as condições de vidas das pessoas do Bairro da Rádio Clube são astuciosas.

Palavras-chave: Reprodução Social. Descentralidade. Sistema de Signos. Urbano. Rádio Clube.

Introdução

A espacialidade e a temporalidade dos fenômenos geográficos trazem dinâmicas e interações complexas, sendo o espaço geográfico, a dimensão fundamental da reprodução da sociedade. A Geografia tem a possibilidade de transformação, tendo a capacidade de revelar as funcionalidades dos fenômenos urbanos. Para além da capacidade atitudinal, impõem uma visão sobre o mundo e seus lugares, fomentando debates acerca das diferenças, conflitos, negociações e soluções. Também, por ser umas das ciências que tem proximidades com as temáticas filosóficas como a ética, a política, a liberdade dentre outras dimensões analíticas. Deste modo, faz importante compreender

a dimensão da estrutura social do espaço geográfico, visto que, a estrutura se refere a uma dimensão secreta.

A reprodução social, enquanto temática e objeto de estudo, praticamente inexistente nas pesquisas geográficas, e isto decorre principalmente do fato da não compreensão do espaço como meio e condição de reprodução. Por isso, a importância da análise espacial, especialmente da racionalização filosófica constitui a racionalidade analítica do capitalismo. A racionalidade opera com o controle do tempo, a prescrição das práticas espaciais. Isto é, racionalidade funcionalista das representações do mundo.

A funcionalidade racional codifica os sinais, mascarando as contradições, manipula o cotidiano, ou seja, as relações próximas a partir das dissimulações das estratégias. Sendo assim, o nível sintagmático e o nível paradigmático são dimensões que revelam o conflito social nas representações das pessoas e da cidade. Nesse contexto, o município como o recorte espacial e a menor espacialidade de escala do recorte federativo, sendo a mais próxima do cidadão possibilita demonstrar um espaço político, uma escala de ação e um território onde se encontram organizadas as condições materiais e simbólicas do cotidiano social.

Para tanto, a disponibilidade de recursos institucionais acessíveis aos espaços do cotidiano do cidadão são inscrita no espaço e no tempo trazem problemáticas, acerca dos sistemas de signos organizados na cidade e a lógica da segregação em torno da modernização da sociedade capitalista e os conflitos de classes. Sendo assim, o objetivo principal do trabalho é verificar os sistemas de signos organizados em torno da reprodução social no cotidiano da classe trabalhadora no Bairro Rádio Clube na Cidade de Santo Antônio de Jesus-BA.

Para o desenvolvimento e uma melhor compreensão da pesquisa, adotaram-se alguns procedimentos metodológicos no intuito de atingir o objetivo: inicialmente, fizeram-se os levantamentos bibliográficos de alguns autores clássicos e contemporâneos como Araújo (2010); Lefebvre (1991); Sobarzo (2006); havendo a realização de fichamentos e a confecção de resenhas e resumos. Por conseguinte, delimitação espacial do objeto de estudo e da problemática. Posteriormente, foi feita a pesquisa *in loco* a partir do método de observação com os instrumentos de entrevista estruturada e questionários. Sendo assim, utilizaram-se técnicas estáticas aplicadas à pesquisa geográfica de dados quantitativos e qualitativos.

1 **Análise espectral:** a dimensão da funcionalidade racional

A reprodução social é um conceito chave para a compreensão da modernidade. Dessa forma, faz-se necessário sintetizar a reprodução social na modernidade em quatro planos: o espaço, o tempo, o urbano e o cotidiano. Para tanto, existe a necessidade de pensar sobre as funções do Estado moderno marcado pelas contradições institucionais. Desse modo, é preciso fundamentar a discussão sobre o Estado. Assim, o que é Estado? Engels (1984, p. 227) o Estado é o “produto da sociedade”, caracterizando-a sociedade numa irremediavelmente contraditória, sendo a mesma, configurada em antagonismos irreconciliáveis.

O poder do Estado amortece os choques sociais, mantendo as contradições dentro do limite da ordem. Em outras palavras, Engels (1984, p. 229), “[...] Estado nasceu da necessidade de conter o antagonismo das classes, e como, ao mesmo tempo, nasceu no seio do conflito [...]”. Contudo, Bobeio (1987) baseando-se na filosofia e na política da Doutrina Geral do Estado de Georg Jelliney (1910), o Estado está concebido no plano da superestrutura na doutrina do ordenamento jurídico, caracterizado na organização social da sociedade, estando contidas as relações sociais. E no plano da superestrutura da doutrina do ordenamento sociológico caracterizado nas formas de organizações da sociedade. Mediante a isso, Bobeio (1987, p. 56) afirma que o Estado tem por finalidade o direito público, justificando que existe um condicionamento no sistema na superestrutura política é uma relação recíproca – as instituições políticas.

Nesse contexto, Bauman (2001) diz que a institucionalização da modernidade e o seu avanço utilizou-se vários marcadores diferentes. As características da vida moderna e a modernização se impõem, porém é a “diferença que faz a diferença”. Isto é, o atributo a relação cambiante entre espaço e tempo. Sendo assim, Bauman (2001, p. 15-16) afirma:

A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutualmente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável

correspondência biunívoca. Na modernidade, o tempo tem *história*, tem história por causa de sua “capacidade de carga”, perpetuamente em expansão – o alongamento dos trechos do espaço que unidades de tempo permitam “passar”, “atravessar”, “cobrir” – ou *conquistar*. O tempo adquire história uma vez que a velocidade do movimento através do espaço (diferentemente do espaço eminentemente inflexível, que não pode ser esticado e que não encolhe) se torna uma questão do engenho, da imaginação e da capacidade humanas.

Para Bauman (2001, p. 128-129) na modernidade houve a emancipação do tempo em relação ao espaço, justificando que “[...] A história do tempo começou com a modernidade. De fato, a modernidade é talvez mais que qualquer outra coisa, a *história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história”. Desse modo, o tempo e o espaço na modernidade constituíram novas dimensões “[...] o espaço era o valor, o tempo, a ferramenta [...] (BAUMAN 2001, p. 131)”. Para tanto, o espaço é o loco privilegiado que ocorrem todos os fenômenos de realização da vida. Assim, o espaço é o conceito mais importante da Geografia e tornou-se uma categoria por excelência, ou seja, a dimensão fundamental da vida. A partir disso, Santos (1997, p. 14) afirma que o espaço é onde ocorrem às relações sociais, dotada de um dinamismo próprio que corresponde à evolução do espaço.

O processo da modernidade da sociedade capitalista, especialmente as revoluções burguesas constituíram novas codificações do tempo social. Para Bauman (2001, p. 111) afirma que existe “[...] separação no lugar da vida” é umas das principais dimensões da evolução da vida urbana. Na sociedade urbana, o tempo do trabalho são determinações sociais, ou seja, uma sociedade mercadofilo. Isto é, sociedade em ritmos lineares. Nesse contexto, Araújo (2010, p. 14) diz que “[...] Esta codificação social do tempo necessário ao trabalho impõem profundas mudanças na vida das pessoas porque seu modo de vida depende do trabalho para se produzir”.

A tecnicidade do tempo justaposta na institucionalidade e constitucionalidade do espaço produzem três níveis espaciais. Primeiro nível a ideologia, materializado no ideal de progresso, da modernidade capitalista. Segundo nível o cultural emancipado no ideal revolucionário utópico. Terceiro nível no ideário de felicidade o consumista. O espaço ganhou fetichismo, sobretudo a partir da abstração do espaço em função da espacialização e especulação do capital. Para tanto, o pragmatismo institucional do sistema das práticas espaciais evidencia os planos ideológicos (SANTOS, 2013).

O urbano constitui nos modos de vida dos seres humanos que realiza no espaço. Assim, Araújo (2010) a cidade por ser uma estrutura social e material um campo político são realizadas as manifestações da vida urbana em suas morfologias. Sendo, a reprodução social da cidade à codificação das práticas do capital em suas interfaces. A cidade, enquanto um tipo específico de espacialidade é meio e condição da reprodução social, visto que, estruturalmente, seguem as estruturas de classes e níveis de vida, produzindo fragmentações e hierarquizações, constituindo centro e periferia. O nível dinâmico da vida social e política dos cidadãos tornou-se o locus de acumulação capitalista - a cidade.

À análise espectral da dimensão da funcionalidade racional da realidade que se organizam em sistemas de signos na cidade e na lógica da segregação que se realizaram no processo de modernização capitalista se objetiva na codificação dos sinais. A objetivação da codificação dos sinais da funcionalidade racional marcou as contradições com as dissimulações das estratégias a partir do controle e a coerção. A reprodução capitalista no Brasil deve-se pensar o processo da modernidade no País. A modernidade que segundo Araújo (2010) é equivalente às mudanças sociais e políticas, através da instauração do Estado e suas instituições. A prática social do capitalismo para o autor é antagônica. Todavia, o antagonismo da prática social do capitalismo não é evidenciado. Ou seja, as contradições da prática social são dissimuladas pelas estratégias mediadas pelas instituições do Estado. Assim, Araújo (2010, p. 50) define:

Mas não basta mascarar os antagonismos da prática social capitalista, é preciso mais do que isto, é preciso que haja estratégias de classe que façam uso de lógica para a consecução de uma coerência prática e, no plano ideológico, de uma coesão social. Por outro lado, isto não resolve as contradições sociais, porque apesar da prática social capitalista ser hegemônica, ela não anula outras práticas subsumidas, as quais fazem uso de táticas ou resistências que desviam as formas de reprodução capitalista que se impõe sobre o conjunto social. No fundo, a questão envolve o embate de duas lógicas: a formal e a dialética, o que implica pensar as práticas sociais de reprodução social sob duas perspectivas antagônicas: como permanência e outra de dissolução ou desvio.

Para Lefebvre (1968, p. 35,) “O desvio é apenas uma maneira de se esquivar, de fugir”. Sobre esses aspectos, no processo histórico e temporal na modernidade, Certeau (1994, p. 102) diz que “as estratégias apontam para a resistência que o *estabelecimento*

de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil *utilização do tempo*, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder”. Assim, salienta que metodologicamente a “arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir”.

A dimensão macro social da realidade que é constituída no modelo estratégico, segundo Certeau (1994) a estratégia é o cálculo das relações de forças, as quais são postuladas a partir de um sujeito institucional que é circunscrito com um próprio. Para tanto, a dimensão micro social da realidade é baseada no modelo da tática. Em outras palavras, Certeau (1994, p. 46) diz que a “[...] *“tática”* um cálculo que não pode contar com um próprio [...] A tática só tem por lugar o outro”. A tática se realiza invisivelmente, distinguindo da totalidade do visível. “O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo (CERTEAU, 1994, p. 46)”.

No nível da tática opera a lógica astuciosa, subversiva as sintaxes prescritas dos modos temporais, das organizações paradigmáticas dos lugares. Nesse nível, são traçadas trajetórias indeterminadas, inventam trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista, na qual, os movimentos no lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistema aparentemente desprovidos de sentido não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado. Tais trilhas são heterogêneas aos sistemas onde são infiltradas e onde são esboçadas as astúcias de interesses e de desejos diferentes que são circuladas, vão e vêm, saem da linha e derivam num relevo imposto dos dédalos de uma ordem estabelecida (CERTEAU, 1994). Mediante a isso, Certeau (1994, p. 100-101), define:

[...] *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. [...] Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas, o que ela ganha não se conserva. [...] Aí vai caçar. Cria li surpresas, consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.

Para, Certeau (1994, p. 101) “a tática é a arte do fraco”. Em outras palavras, a tática é determinada pela ausência de poder, sem lugar próprio, cega e perspicaz,

comanda pelos acasos do tempo. Nesse contexto, para Lefebvre (1968, p. 27), “[...] É no cotidiano que eles ganham ou deixam de ganhar sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. Aqui e agora”. Assim, Lefebvre (1968, p. 24):

[...] o cotidiano se compõe de repetições: gestos de trabalho e fora do trabalho, movimento mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivéns), horas, dias, semanas, meses, anos: repetições lineares e repetições cíclicas, tempo da natureza e tempo da racionalidade [...].

Mediante a isso, o sociólogo Zygmunt Bauman (2008) diz que há uma padronização e rotinização do comportamento individual. Isso representa uma institucionalidade na vida das pessoas para o exercício de padrões comportamentais instaurados por uma estrutura estratégica. Nessa lógica, a leitura do filósofo francês Henry Lefebvre (1968) o cotidiano e o moderno marcam e mascaram, legitimam e compensam. Dessa forma, a cotidianidade e a modernidade se estabelecem no espaço e no tempo simultaneamente e, o sujeito social se torna o intérprete ativo dos signos. Assim, Lefebvre (1968, p. 31), sobre o cotidiano, conceitua:

[...] O cotidiano é o humilde é o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo. É isso sem que o interessado tenha de examinar as articulações dessas partes. É portanto aquilo que não tem data. É o insignificante (aparentemente); ele ocupa e preocupa e, no entanto, não tem necessidade de ser dito, é uma ética subjacente ao emprego do tempo, uma estética da decoração desse tempo empregado. É o audacioso (aparentemente), o efêmero, a aventura que se proclama e que se faz aclamar. É arte e o estetismo, mal discerníveis nos espetáculos de si que ele se apresenta a si mesmo.

Diante disso, o “cotidiano, conjunto de insignificante (concentrado pelo conceito), responde e corresponde o moderno, conjunto dos signos pelos quais essa sociedade se significa, se justifica, e que faz parte da sua ideologia (LEFEBVRE, 1968, p. 30 – 31)”. Desse modo, sobre a crítica da vida cotidiana, Lefebvre (1999, p. 128), diz que a “crítica perpétua, às vezes autocrítica espontânea, às vezes crítica formulada conceitualmente” transgredir para a dimensão da “crítica das necessidades e das funcionalidades, das estruturas, das ideologias e das práticas parciais e redutoras”. Contudo, Certeau (1996, p.31) sobre o cotidiano, define:

“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior [...]”.

Desse modo, o cotidiano é o plano da vida, na qual, a invisibilidade do sujeito social é o conteúdo para os encontros e despedidas, escolhas e desejos. Esse conteúdo representa a dimensão da vida das pessoas e suas relações corpóreas do espaço astuciosamente.

2 Nível sintagmático e nível paradigmático: a reprodução social no plano do bairro descentralizado

Há necessidade de dimensionar o nível sintagmático e o nível paradigmático as dimensões que revela o conflito social e as representações das pessoas e da cidade (LEFEBVRE, 1991). Sendo assim, a segregação têm três níveis de análise que estão numa dialética que é produzida a partir da prescrição da reprodução do capital no tempo para o espaço, a saber: primeiro nível é o voluntário que corresponde aos locais ocupados. O segundo nível é o espontânea que se vincula as classes sociais. E terceiro nível é o programado que é o plano da cidade (LEFEBVRE, 1991).

Mediante a isso, a segregação é uma estratégia de classe, utilizando o mecanismo de impor o valor de troca do uso do solo urbano, destruindo a centralidade do valor de uso, reconfigurando a centralidade ao valor de troca. A centralidade e descentralidade são processos que constituem todos os elementos da vida urbana, sendo a cidade e o urbano o encontro dos separados. Por isso, o centro é a dimensão da cidade para pensar a centralidade. Todavia, a periferia é a dimensão da cidade para pensar a descentralidade.

A configuração, das condições simbólicas e materiais do cotidiano social, ou seja, os espaços políticos do cidadão estão inscrita no espaço e no tempo, materializado nos sistemas de signos organizados na cidade e a lógica da segregação em torno da

modernização da sociedade capitalista e os conflitos de classes. A dimensão de representação dos conflitos sociais, em que, todas as morfologias da cidade são reguladas a partir de planos jurídico, executivo e legislativo. Nesse contexto, o Bairro como uma morfologia da cidade, teoricamente seria para Araújo (2010, p. 47):

[...] o bairro é uma forma de organização concreta do tempo e do espaço na qual a proximidade substitui as distâncias sociais, espaciais e de tempo, contudo, sua estrutura socioespacial é dependente de ordem de estruturas superiores, institucionais e políticas, porque é o nível ecológico ou privado, onde o habitar corresponde á forma predominante. Este nível é, ao mesmo tempo, o ponto de partida de informações e de chegada de ordens, logo, o nível mais restrito onde as determinações da reprodução social atingem [...].

O bairro evidencia os fundamentos dos processos institucionais e constitucionais da modernização capitalista que corroboram para o processo que Sobarzo (2006) conceitua do poder do espaço e o poder no espaço que são constituídas a partir das práticas espaciais no cotidiano. Dessa forma, a formação do Bairro da Rádio Clube decorreu, em função, do processo do crescimento comercial da cidade de Santo Antônio de Jesus-BA a partir dos fenômenos da vida urbana da centralidade e da descentralidade, constituindo-se o encontro dos separados.

O bairro é uma descentralidade da cidade caracterizada pelas condições simbólicas e materiais a partir da conotação física e social do espaço degradado e ambiente perverso da urbanidade. As características morfológicas, as formais espaciais e temporais constituem numa ocupação irregular, sem as condições de acessibilidade e mobilidade urbana para a população.

Buscando compreender a realidade do bairro, observou implicitamente a partir da pesquisa em domicílios que a população infere a necessidade do poder público propiciar melhorias na infraestrutura do local. Assim, melhorar as condições de acesso à saúde seria a principal melhoria que o poder público poderia fazer no Bairro, sendo cerca dos 32% dos pesquisados. Nesse contexto, a geração de emprego e renda para 30% dos moradores melhora as condições de vida, corroborando com a questão da educação. Os demais relacionaram sobre os aspectos da segurança iluminação que são deficientes.

Evidentemente, as principais questões e problemas encontrados referem-se aos setores primordiais para a população; saúde e educação. Por conseguinte, a segurança

também é um aspecto que evidencia a necessidade de uma política de segurança, haja vista, que a população local convive diariamente com a violência urbana. No bairro, existe um posto de saúde, porém não atendem as necessidades da população, com problemas nos níveis estruturais e conjunturais.

Na localidade, a população convive com uma precarização nas condições de saúde. Segundo, 86% da população do bairro da Rádio Clube avaliaram a saúde como ruim. A avaliação da população sobre as condições de saúde corroborada com os mesmos índices avaliativos sobre o atendimento do posto de saúde, denotando os sinais de indignação com as condições precárias de saúde pública para a classe trabalhadora.

Outra questão observada foi sobre a educação. A educação também é considerada pelos moradores como um problema que precisa ser superado. A maioria dos entrevistados avalia (86% da população) a educação do bairro como ruim. Segundo, os moradores a precarização da educação influencia nos resultados dos alunos e no desenvolvimento do bairro. Para tanto, numa projeção domiciliar 96% estudam ou estudaram, indicando que o acesso à escola não é o problema principal, pois como os próprios moradores afirmaram que todos, ou a maioria estudou, indicando que tem a necessidade de ações para a permanência dos jovens nos estudos e na escola.

Além que a juventude, principalmente do sexo masculino são afetadas pelo tráfico e as consequências desse fenômeno ilícito. As jovens do sexo feminino são vítimas das condições de vulnerabilidade sociais, sobretudo pela gravidez na adolescência e Doenças Sexualmente Transmissíveis. Por domicílio, o índice de pessoas, representando que a taxa de natalidade, de acordo com as áreas periféricas é alto.

Tabela 1 – Quantidade de residente por domicílios no Bairro da Rádio Clube - 2013

| Quantidade de residente | % |
|-------------------------|-----|
| 2 – 3 | 6 |
| 4 – 5 | 34 |
| 6 – 7 | 52 |
| 8 – ou mais | 8 |
| Total | 100 |

Fonte: Levantamento de dados, realizado em julho de 2013.

Desse modo, a casa própria representa um direito de cidadania para cada indivíduo social. E a maioria das pessoas entrevistadas que têm casa própria demonstraram a satisfação de ter conseguido a sua casa própria, após muitos esforços e a felicidade de algo concretizado. Assim, 86% da população pesquisada afirmaram que os seus domicílios é próprio. Porém, 14% disseram que moram de aluguel. Para tanto, a espacialidade habitacionais está no local insalubre, sem as mínimas condições de moradias.

Mediante a isso, outro problema que atinge o direito as condições dignas de vida, logo a qualidade de vida no bairro é a precariedade no sistema de saneamento básico. Particularmente, a coleta de lixo é ínfima para a demanda da população. Existe apenas um recipiente no ponto mais alto da localidade em que todas as pessoas precisam se deslocar para depositar seus resíduos. Além do mais, as vias na localidade não são, em grade maioria, pavimentadas, restando muitas ravinas e uma impossibilidade de circulação de veículos, além dos constantes acidentes relatados pela população entrevistada.

Tabela 2 – Quantidade de vezes que o lixo é coletado semanalmente no Bairro da Rádio Clube – 2013

| Quantidade de coletas | % |
|-----------------------|-----|
| Nenhuma | 64 |
| Uma | 22 |
| Duas | 12 |
| Três ou mais | 2 |
| Total | 100 |

Fonte: Levantamento de dados, realizado em julho de 2013.

A representação dos dados evidencia um flagelo social, sendo um problema de planejamento e gestão, a qual influencia diretamente na qualidade de vida, pois o lixo jogado em qualquer local existe a possibilidade de gerar várias consequências, dentre elas a proliferação do *Aedes Aegypti* que é o mosquito que causa a Dengue, uma doença muito séria que é frequente nas favelas e áreas periféricas. Além do lixo, o esgoto é outro fator problemático, pelo fato que a maioria das casas não está conectada à rede que passa na comunidade.

No gráfico pode-se observar que a maioria dos domicílios do bairro não é conectada à rede de esgoto, causando uma prática de construção de forças, mesmo

irregulares para depositar seus resíduos fisiológicos e biológicos. Essas forças podem contaminar os lençóis freáticos que são usados na forma de cisternas para a aquisição de água por parte das pessoas que não tem acesso. Dessa forma, 72% dos domicílios são conectados à rede coletora de esgoto e 28% não está conectada a rede de esgoto no bairro, demonstrando a necessidade de ampliar o sistema de coletas de esgoto.

Para tanto, o bairro da Rádio Clube a população residente tem baixo poder aquisitivo, revelando-se um dos problemas centrais das pessoas que habitam em áreas periféricas, devido principalmente, a má distribuição de renda e a desigualdade social que estão presentes na estrutura social do Brasil.

Tabela 3 – Renda por domicílios no Bairro da Rádio Clube – 2013

| Renda domiciliar | % |
|-----------------------------------|----|
| Nenhuma | 64 |
| Até 1 salário mínimo | 22 |
| De 1 a 2 salários mínimos | 12 |
| De 2 a 3 ou mais salários mínimos | 2 |

Fonte: Levantamento de dados, realizado em julho de 2013.

A disponibilização de renda para suprir com as necessidades. Porém, 52 % das pessoas não tem uma formalidade do trabalho, ou seja, são pessoas que vivem em ocupações, os quais, são chamados de “bicos”. Assim, a importância de política de distribuição de renda. E uma dessa política de distribuição de renda é o Programa Bolsa Família (PBF) que promove o alívio imediato para o auxílio à mitigação das necessidades básicas das famílias beneficiadas. Desse modo, evidencia que 96% dos domicílios têm famílias são beneficiadas pelo PBF.

A compensação e reparação social constituem os fundamentos políticos para minimizar os efeitos e consequências das estruturas de classes constituídas no Brasil que são evidenciadas nos contrastes sociais, especialmente nos espaços da cidade. Nesse sentido, com as características periféricas, a codificação social do cotidiano social no bairro é perversa, especialmente pela violência estrutural e conjuntural. Desse modo, observou-se enunciados da população solicitando aos Poderes Executivos e Legislativos políticas para superação dos problemas. Portanto, a descentralização do fenômeno urbano no espaço da cidade é a revelação da negação da centralidade.

3 Considerações finais

A dimensão estrutural social do espaço geográfico no Bairro da Rádio Clube, especialmente das pessoas decorre principalmente da racionalidade do capitalismo. Isto é, a racionalidade capitalista nesse bairro opera com o controle do tempo social e a prescrição das práticas espaciais, constituindo-se na racionalidade funcionalista das representações do espaço cotidiano vivido no bairro.

Portanto, os sistemas de signos organizados em torno da produção social da classe trabalhadora do Bairro da Rádio Clube, de acordo com a funcionalidade racional que manipula o cotidiano. Obviamente, as dissimulações das estratégias nas relações próximas. Para tanto, os sistemas de signos da cidade, especialmente da modernização da sociedade capitalista e os conflitos de classes disponibilizam recursos institucionais acessíveis ao cotidiano dos cidadãos no bairro que evidenciam os contrastes sociais que são representados na precarização, desigualdade e as disparidades sociais.

Desse modo, a superação das condições de vida da população é uma condicionante. Todavia, o nível sintagmático e o nível paradigmático que revela o conflito social, ente as representações das pessoas e da cidade a partir das condições materiais e simbólicas do cotidiano com a superação dos signos da modernização capitalista viabilizaria uma transformação social, logo, a superação da violência estrutural e conjuntural.

4 Referências

ARAÚJO, James Amorim. **Modernização Capitalista e Reprodução Social da Classe Trabalhadora na Periféria de Salvador/BA: o Pero Vaz e as formas e práticas derivadas da escravidão.** São Paulo: Programas de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito a obtenção de Título de Doutor em Geografia, 2010.

ARAÚJO, James Amorim. **Sobre a cidade e o urbano em Henry Léfèbvre.** GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, nº 31, p. 133 – 142, 2012.

BOBEIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** São Paulo: Global, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOBEIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

LEFEBVRE, Henry, **O direito a cidade.** São Paulo: Moraes, 1991.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno.** SP: Ática, 1968.

SANTOS, J. J. . A geografia política: viés de análises para políticas de compensações sociais e a dimensão sensível do espaço. In: III Simpósio Nacional de Geografia Política, 2013, Manaus, Amazonas. Geografia Política. Manaus, Amazonas: REVISTA GEONORTE, 2013. v. V.7. p. 1355-1370.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: EDUSP, 2006.

SOBARZO, Oscar. **A produção do espaço público: da dominação à apropriação.** GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, nº 19, p. 93 -111, 2006.